

EMOÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES PELA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIAS

Bárbara Pires Wegner¹
Janaína Pretto Carlesso²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as emoções sob a lente das neurociências e explorar suas implicações no contexto da educação infantil. A pesquisa realizada caracteriza-se como bibliográfica e documental de abordagem metodológica qualitativa, baseando-se em documentos norteadores da educação infantil no Brasil e referenciais teóricos dos campos da neurociências e educação. Considerando o processo de neurodesenvolvimento infantil e a natural dificuldade de regulação emocional das crianças, este estudo aborda aspectos históricos da construção da educação infantil brasileira, refletindo sobre aspectos teóricos metodológicos desta fase da educação básica, bem como aborda a relação entre conhecimentos neurocientíficos para o contexto escolar. Além disso, o texto elucida como se dá, neurobiologicamente, as emoções para os seres humanos e sua importância para a espécie. Por fim, o artigo reflete sobre como as emoções afetam o contexto escolar e seu papel no desenvolvimento infantil, possibilitando ao educador conhecimento acerca dos processos neuronais das emoções, permitindo a promoção de um ambiente de aprendizado emocionalmente saudável para as crianças, no qual elas serão capazes de desenvolverem-se integralmente, adquirindo habilidades de gestão emocional. Dessa forma, os resultados apresentados podem favorecer a formação dos educadores de crianças em idade pré-escolar quanto ao seu desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: infância, neurodesenvolvimento, emoções, pré-escola.

1 Bolsista CAPES, Mestranda do Curso de Mestrado no Ensino de Humanidades e Languages da Universidade Franciscana - UFN, barbara.pires@ufn.edu.br;

2 Profª Dra. pelo Curso de Psicologia e Mestrado de Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana - UFN, janaina.carlesso@ufn.edu.br;

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil (EI), que constitui a primeira etapa da educação básica no Brasil, abrange crianças na faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses. Conforme as diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), os eixos estruturantes da EI são fundamentados nas interações e brincadeiras. Ademais, as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) enfatizam que a proposta pedagógica da EI deve articular os aspectos de cuidado e educação, promovendo uma abordagem integral que atenda às necessidades desenvolvimentais das crianças. Essa integração é essencial para favorecer o aprendizado e o bem-estar infantil, contribuindo para um desenvolvimento global durante os primeiros anos de vida.

Dessa forma, procura-se oferecer às crianças durante este período escolar experiências que as possibilite desenvolver-se com os pares, de forma lúdica e prazerosa. Os documentos citados, entre outros, apontam a importância da valorização da criança como um ser de direitos, e tem como objetivo garantir a qualidade de ensino da educação infantil estabelecida pela Constituição Federal (Brasil, 1988). Corroborar esta ideia Fochi (2020), quando afirma que a educação infantil é espaço para que “as crianças se sintam encorajadas a construir explicações sobre o mundo, e não que sejam receptoras de um saber pronto e acabado” (Fochi, 2020, p.8). Nesta mesma concepção, o autor completa ainda que é necessário que o professor de E.I aprenda a ouvir as crianças (Ibem).

Refletindo sobre o desenvolvimento humano na primeira infância, os estudos do Comitê Núcleo Ciência pela Infância (2014) destacam que a faixa etária atendida pela Educação Infantil (EI) é marcada por profundas transformações cerebrais, tanto em sua estrutura quanto em sua funcionalidade. Esse período é considerado especialmente receptivo a estímulos e à aquisição de habilidades (Cosenza e Guerra, 2011). Com informações científicas sobre o neurodesenvolvimento infantil, a neurociências oferece importantes contribuições para a EI, sugerindo novas direções para práticas pedagógicas que favoreçam e estejam de acordo com cada fase do desenvolvimento humano na infância.

Conforme evidenciado por estudos na área das neurociências, as emoções constituem elementos essenciais da experiência humana, exercendo uma influência significativa na aprendizagem, memória, tomada de decisões, socialização e no bem-estar em diferentes aspectos da vida (Damásio, 1996). Ao investigar as emoções sob a ótica neurocientífica, é necessário que se bus-

que compreender os processos cerebrais que fundamentam essas experiências complexas uma vez que as emoções atuam como sinais indicando que algo relevante está ocorrendo no ambiente (Cosenza; Guerra, 2011). No ambiente escolar, as emoções foram frequentemente negligenciadas e desvalorizadas nas atividades propostas aos alunos, conforme mencionado por Behrens (2013). No entanto, as interações que ocorrem na escola são continuamente influenciadas por uma variedade de emoções e comportamentos associados a elas. Segundo Damásio, as emoções “desempenham um papel na comunicação de significados a terceiros e podem também atuar como guias cognitivos” (Damásio, 1996).

Dessa forma, o ambiente da educação infantil carece ser pensado de forma a promover a segurança emocional das crianças. Professores e educadores capacitados estão presentes para criar um ambiente acolhedor e receptivo, fornecendo apoio emocional quando necessário. A prática do professor de educação infantil deve priorizar o desenvolvimento integral das crianças, conforme preconizam os diferentes documentos norteadores desta etapa de ensino. Nessa perspectiva, Goldscimied e Jackson (2006, p. 34) apontam que o espaço escolar é um “[...] lugar para viver, além de trabalhar e brincar”. A sensação de segurança emocional é fundamental. Além disso, a interação social desempenha um papel relevante no desenvolvimento emocional, conforme será apresentado a seguir.

Partindo desse pressuposto, estudo bibliográfico tem como objetivo analisar como acontece o desenvolvimento emocional na primeira infância e suas implicações no contexto da educação infantil pela perspectiva da Neurociências. Para tanto, foi necessário analisar características do desenvolvimento infantil na primeira infância, características da proposta pedagógica da educação infantil segundo a legislação brasileira e o papel das emoções no contexto da educação infantil pela perspectiva das neurociências.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se bibliográfica e documental como de abordagem metodológica qualitativa, a qual contou com busca nas bases de dados eletrônica *Scielo* e banco de periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), além de pautar-se nas referências bibliográficas dos planos de ensino das disciplinas de Neurociências e Aprendizagem e Educação Infantil: processos de ensinar e aprender, do Mestrado de Ensino de Humanidades e Linguagens.

O material foi selecionado seguindo os critérios que buscam apontar evidências neurocientíficas sobre o as emoções e o neurodesenvolvimento humano e abordar aspectos metodológicos na educação infantil. Abaixo, segue quadro demonstrativo de resultados obtidos e material selecionado para análise nas plataformas citadas, usando os descritores (1) *educação infantil Brasil + escola* e (2) *emoções + infantil*.

A busca foi realizada usando filtros diferentes em cada plataforma, para fins de refinamento de respostas, a saber: plataforma Scielo não houve refinamento de busca, enquanto na plataforma Capes, foram utilizados os filtros de ano de publicação (publicações a partir de 2021) e tipo de publicação (restringindo a busca apenas a artigos). Utilizando os descritores do item (1), foram encontrados 15 resultados na base de dados Scielo e 24 artigos na base de dados Capes. Destes, foram selecionados para análise 3 e 4 artigos, respectivamente. Com relação ao item (2) os resultados encontrados foram os seguintes: 7 artigos encontrados na base de dados Scielo, dos quais 2 foram selecionados para análise; e 61 resultados encontrados na base de dados CAPES, dentre os quais excluindo repetições e artigos que fugiam ao tema, 1 foi selecionado para análise.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de setembro e novembro de 2023, e buscou analisar características do desenvolvimento infantil na primeira infância, características da proposta pedagógica da educação infantil segundo a legislação brasileira e o papel das emoções no contexto da educação infantil pela perspectiva das neurociências.

Para a análise documental, foram selecionados textos em detrimento a outros por abordarem o tema neurociências, emoções e educação infantil, além de legislações nacionais tais como: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010), Parâmetros Nacionais de Qualidade Para Educação Infantil (BRASIL, 2006) e a BNCC (Brasil, 2018).

O método empregado para examinar os dados coletados na pesquisa baseou-se na Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Essa abordagem envolve três etapas essenciais. Inicialmente, a fase de pré-análise que é caracterizada pela organização, durante a qual são selecionados os materiais a serem analisados, as hipóteses são formuladas, os objetivos são estabelecidos e indicadores são desenvolvidos para guiar a interpretação final. Na segunda fase, ocorre a exploração do material, incluindo a codificação, enumeração e categorização dos resultados. A terceira e última etapa engloba o tratamento e interpretação

dos resultados, nos quais os dados são processados de maneira a tornarem-se significativos e válidos.

A seguir, serão apresentados na próxima seção os resultados obtidos na pesquisa que irão abordar as seguintes categorias: (1) aspectos teóricos metodológicos da educação infantil. A categoria (2) aborda a emoção pela perspectiva da neurociências e seu papel no desenvolvimento infantil. A categoria (3) aborda as emoções no contexto da educação infantil.

Quadro 1. Artigos analisados.

DESCRIPTOR	PLATAFORMA	AUTOR/ ANO	TÍTULO
Educação infantil, Brasil, escola.	Scielo	Kuhlmann Jr., Moysés / 2019	Parque Infantil: a singularidade e seus componentes.
		Barbosa, Maria Carmen Silveira; Richter, Sandra Regina Simonis; Delgado, Ana Cristina Coll. / 2015	Educação infantil: tempo integral ou educação integral?
		Campos, Maria Malta; Bhering, Eliana Bahia; Esposito, Yara; Gimenes, Nelson; Abuchaim, Beatriz; Valle, Raquel; Unbehaun, Sandra / 2011	A contribuição da educação infantil de qualidade e seus impactos no início do ensino fundamental
		Livia Karen Figueredo de Jesus / 2022	A Construção Histórica Da Infância E O Surgimento Da Educação Infantil: Do Assitencialismo Ao Direito
		Montiel, Larissa Wayhs Trein; Sarat, Magda / 2023	Trajetória do Atendimento das Crianças Pequenas no Brasil
		Santos, Sheila Carine Souza; Sales, May Valda Souza / 2021	Infâncias e a educação infantil: compreendendo os contextos de aprendizagem na contemporaneidade
Emoções + infantil	Capes	Batista, Jéssica Bispo; Pasqualini, Juliana Campreghe; Magalhães, Giselle Modé / 2021	Estudo sobre Emoções e Sentimentos na Educação Infantil
		Pérez-Sánchez, Jennifer; Delgado, Ana R.; Prieto, Geraldo / 2022	Avaliação da Lista de Verificação de Regulação Emocional para Crianças e Adolescentes
		PEREIRA, Carla; Soares, Luísa; Alves, Diana; Cruz, Orlando; Fernández, Mônica / 2014	Conhecer as emoções: a aplicação e avaliação de um programa de intervenção
	Scielo	FONSECA, Vitor da / 2016	Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

No Brasil, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Brasil, 1996) a educação básica se estende dos 0 aos 17 anos, sendo obrigatória para crianças a partir de 4 anos de idade desde 2013 com alteração realizada na LDB (1996). Neste sentido, a educação infantil (EI), apresenta-se como a primeira etapa da educação básica brasileira, atendendo crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, compreendendo assim o período chamado de primeira infância.

Com base nos dados obtidos na pesquisa, faz-se pertinente uma breve revisão histórica sobre os percursos da institucionalização da educação infantil no Brasil de forma a elucidar os caminhos percorridos até o presente momento, no sentido de justificar o quanto os conhecimentos sobre os estudos da neurociências podem contribuir para o desenvolvimento infantil no contexto da escola. Historicamente, as crianças deixaram de ser cuidadas pelas famílias a partir da Revolução Industrial, com o advento do capitalismo e fim do feudalismo. No Brasil, este percurso foi um pouco mais tardio do que na Europa, mas os motivos que o iniciaram foram os mesmos, segundo aponta Kuhlmann Jr (1998).

Ainda, segundo o mesmo autor, o caráter assistencialista que a institucionalização do cuidado infantil apresentou em seus primórdios em nosso país, tendo três iniciativas que pouco se aproximam da questão educativa. A saber, as perspectivas são a médico-higienista, religiosa (ambas se preocupavam com a questão da mortalidade infantil) e a jurídica policial (que se preocupava com a moralidade da infância). A considerar o contexto sociohistórico em que o surgimento das escolas de educação infantil está inserido, a concepção de infância e de criança muito elucidam questões enfrentadas ainda hoje no cenário educacional. De acordo com Santos e Sales (2021, p. 3) a família adquire uma nova visão sobre a criança, assegurando seus direitos e seu bem-estar uma vez que as questões relacionadas aos direitos dos trabalhadores já contemplavam a presença da mulher no mercado de trabalho, ou seja, da mãe que também exercia atividades profissionais.

Do referido período até a institucionalização da educação infantil perante a legislação, aproximadamente 100 se passaram. Somente com a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) foi que a criança passou a ser considerada um

sujeito de direitos e então teve regulamentada a forma de cuidado e educação a qual teriam direito. Nas palavras de Kuhlmann Jr

Na quarta e última parte dos anos 1900, a educação infantil brasileira vive intensas transformações. É durante o regime militar, que tantos prejuízos trouxe para a sociedade e para a educação brasileiras, que se inicia esta nova fase, que terá seus marcos de consolidação nas definições da Constituição de 1988 e na tardia Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996. A legislação nacional passa a reconhecer que as creches e pré-escolas, para crianças de 0 a 6 anos, são parte do sistema educacional, primeira etapa da educação básica. (2000, p.3)

A partir desse percurso histórico, a educação infantil vem se constituindo com um espaço de atenção à infância e atualmente tem um caráter pedagógico no sentido de garantir à criança o seu desenvolvimento integral pleno. Apesar de todos os avanços, ainda se faz necessário, segundo Oliveira-Formosinho et.al (2007, p. 23), refletir e discutir sobre a pedagogia da infância e as formas de atuação da educação infantil. Os referidos autores defendem que “[...] a escola é um contexto social constituído por atores que partilham metas e memórias, por indivíduos em interdependência com o contexto que constroem intencionalidade educativa”.

A legislação brasileira pauta a educação infantil em alguns documentos como a Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996) e Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), além dos Parâmetros Nacionais da Educação Infantil (Brasil, 2010) e Parâmetros de Qualidade da Educação Infantil (Brasil, 2026). Todos estes documentos apontam para a necessidade deste nível de ensino preocupar-se com o desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos, respeitando a criança como um sujeito. Oliveira-Formosinho et.al (2007, p. 14) afirmam que é uma obrigação cívica incluir na prática pedagógica “outras imagens da criança que falam da competência participativa e dos direitos a essa participação” que elas têm.

Neste sentido, partindo também dos documentos oficiais que gerem a prática educacional na primeira etapa da educação básica brasileira, Sales e Santos afirmam que esta premissa que considera a condição da criança como agente ativa em seu próprio processo de aprendizagem, somada aos conhecimentos prévios que cada indivíduo carrega e que devem ser valorizados desde a educação infantil, deve incentivar os educadores a pensar práticas que estimulem aprendizagens significativas (Sales e Santos, 2021, p.10). As autoras indicam ainda que, partindo dessa prática significativa e que valoriza a criança como um

indivíduo pertencente e produtor da cultura, será possível desenvolver a concepção de criança integral conforme preconizado pelas diretrizes educacionais (Ibdem).

A educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, moldando as bases para um futuro próspero e bem-sucedido. Este período inicial na vida de uma criança é marcado por uma incrível capacidade de aprendizado e desenvolvimento, sendo uma fase crítica que influencia não apenas o crescimento cognitivo, mas também o emocional, social e físico. Corroboram com essa inferência Cosenza e Guerra (2011), ao afirmarem que o desenvolvimento do sistema nervoso se dá desde a fecundação até o início da vida adulta, apresentando, porém, um período significativo na infância, em virtude da plasticidade cerebral, o que garante melhor eficácia nas respostas observadas frente a estímulos. Nessa perspectiva, pesquisas do Núcleo Ciência pela Infância (2014) apontam a necessidade de estímulos de qualidade para a garantia de um desenvolvimento infantil saudável.

A educação infantil proporciona estímulos essenciais para o desenvolvimento cognitivo. Durante os primeiros anos de vida, o cérebro humano está altamente receptivo a novas informações e experiências. Estimular as crianças por meio de atividades educativas ajuda a fortalecer as conexões neurais, desenvolvendo habilidades como linguagem, raciocínio lógico, e resolução de problemas. Estudos neurocientíficos apontam que a primeira infância é a fase de maior plasticidade cerebral. Segundo o Núcleo Ciência pela Infância (2014, p.5) “a formação de circuitos cerebrais é influenciada pelas experiências no início da vida”, além de afirmar que habilidades aprendidas em determinada etapa “[...] serve como base de aprendizado na etapa seguinte” (Núcleo Ciência pela Infância 2014, p.7).

Sendo assim, o ambiente educacional adequado nessa fase prepara a criança para a aquisição de habilidades mais complexas, garantindo seu desenvolvimento integral, promovendo uma base sólida para o aprendizado ao longo da vida. A importância da educação infantil no desenvolvimento humano é inegável, pois promove o bem-estar emocional, desenvolve habilidades sociais essenciais e contribui para o crescimento físico saudável. Investir na educação infantil é investir no futuro, construindo alicerces sólidos para uma sociedade mais educada, equitativa e harmoniosa. De acordo com estudos realizados pelo Núcleo Ciência pela Infância

O ambiente de educação infantil cria, desse modo, uma série de oportunidades de atenção à infância de forma integral e continuada. [...] a frequência à pré-escola de qualidade tem impactos positivos e significativos sobre diferentes dimensões de desenvolvimento [...] Dentre os benefícios documentados incluem-se ganhos no desenvolvimento cognitivo a curto prazo, melhora nos níveis de aprendizagem a médio prazo, e melhora na escolaridade e renda no longo prazo. Isso contribui para a formação de adultos mais saudáveis. (2014, p. 10)

Ao encontro desta premissa estão os estudos das neurociências os quais apontam a necessidade de atenção ao desenvolvimento infantil uma vez que, é nesta fase da vida humana que alterações cerebrais acontecem de forma rápida e intensa. Pois, como citam Silva e Pontarolo (2023, p. 274) o desenvolvimento e a aprendizagem estão diretamente ligados aos estímulos oferecidos pelo ambiente e à forma que o indivíduo responde a ele. Assim, a educação infantil apresenta-se como um espaço a se beneficiar com os estudos neurocientíficos de forma a oferecer estímulos adequados às crianças.

EMOÇÃO PELA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIAS

De acordo com estudos neurocientíficos, emoções são componentes fundamentais da experiência humana, desempenhando um papel crucial em nossa tomada de decisões, interações sociais e bem-estar geral. Quando exploramos as emoções a partir da perspectiva das neurociências, estamos investigando os processos cerebrais subjacentes que dão origem a essas experiências complexas. Segundo Cosenza e Guerra (2011, p. 75) as emoções são sinalizadoras de que algo importante está acontecendo no ambiente. Os mesmos autores afirmam que a função da emoção é, primariamente, a sobrevivência da espécie (Cosenza e Guerra, 2011, p. 75).

Enquanto processo fisiológico, uma emoção é capaz de provocar alterações em diferentes órgãos do corpo humano, sendo estas tanto reações físicas quanto comportamentais e cognitivas. Então, pode-se dizer que há uma grande mobilização e integração de diversas estruturas corporais quando o sistema nervoso central é acionado por um estímulo emocional. Lent (2021, p.254) afirma que, “do ponto de vista biológico, a emoção pode ser definida com um conjunto de reações químicas e neurais subjacentes” Lent (2021, p.254), porém este conceito por si só não explica o que são as emoções para os seres humanos.

Vale ressaltar que, para os humanos, as emoções possuem um aspecto subjetivo, que as tornam experiências únicas para cada indivíduo (Lent, 2021, p. 254). Dessa forma, segundo Cosenza e Guerra (2011) um mesmo acontecimento pode ativar diferentes emoções em diferentes indivíduos, dependendo da experiência e vivência que cada um possui.

Apesar das teorias positivistas, a neurociência comprova a importância das emoções nos processos cognitivos, de tomada de decisão, consolidação da memória e aprendizagem (Cosenza e Guerra, 2011, p. 76). Neste sentido, Fonseca (2016, p.2) corrobora que “As emoções fazem parte da evolução da espécie humana e, obviamente, do desenvolvimento da criança e do adolescente, constituindo parte fundamental da aprendizagem humana.”.

Segundo Lent, às emoções, são atribuídas valências, (positivas e negativas) e ainda podem ser classificadas em três grupos: primária, secundária e as emoções de fundo (Lent, 2010, p. 716). De forma resumida, na definição do autor, as emoções primárias são aquelas inatas, as quais são comuns a todos os seres humanos. As emoções secundárias são aquelas que têm relação com fatores socioculturais, por isso são mais complexas. Elas dependem da época, grupo social e cultura na qual o indivíduo está inserido. Já o terceiro grupo, as emoções de fundo, se caracterizam por emoções que se relacionam com o bem-estar ou com o mal-estar, e são normalmente induzidas por “estímulos internos” (Lent, 2021, p. 254)

Importante destacar que as emoções não são eventos isolados, mas sim processos dinâmicos que envolvem a interação de várias regiões cerebrais. Segundo Damásio, “podemos agora dizer com segurança que não existem “centros” individuais [...]O que na realidade existe são “sistemas” formados por várias unidades cerebrais interligadas. ” (Damásio, 1996, p.36).

Cosenza e Guerra explicitam o quanto as emoções são importantes para os seres humanos, assim como para os demais animais. Todavia, os humanos têm a capacidade de “tomar consciência desses fenômenos”, bem como são capazes de “aprender a controlar algumas de nossas reações emocionais” (Cosenza e Guerra 2011, p. 81), conforme a situação em que se encontram. Fonseca (2016, p.2) aponta as emoções como “adaptativas porque preparam, predispoem e orientam comportamentos para experiências positivas ou negativas, mesmo comportamentos de sobrevivência”, indicando sua importância para a vida humana.

De acordo com o Núcleo Ciência pela Infância,

“o meio onde a criança está inserida tem grande influência em seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. [...] do período pré -natal aos primeiros anos de vida o cérebro passa por uma fase determinante em seu desenvolvimento, e o impacto da qualidade do ambiente repercute em todo o curso de vida posterior. (2014, p. 8)

Assim, compreender como o cérebro processa e regula as emoções não apenas aprimora nossa apreciação pela complexidade da mente humana, mas também abre portas para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes na intervenção de possíveis comportamentos disfuncionais que apareçam no contexto escolar.

AS EMOÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é um período da educação básica que perpassa um período importante do neuro desenvolvimento humano, o qual, conforme já elucidado, apresenta-se como período de grande plasticidade cerebral e, portanto, transformações das estruturas neurais. Como dito anteriormente, o cérebro é o órgão que controla todos os aspectos da vida humana, não só no que se refere a movimentos e reações químicas, como também a comportamentos e ações. Cosenza e Guerra (2011, p. 11) retratam o cérebro como elemento mais importante do sistema nervoso, o qual é responsável pelo processamento dos estímulos recebidos. Dessa forma, o conhecimento sobre ele é extremamente necessário especialmente para quem atua diretamente com seres humanos.

A principal função da escola é garantir a aprendizagem dos seus estudantes. No Brasil, desde 2018, o documento que norteia o processo educativo formal é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). A mesma está estruturada no conceito de habilidades que devem ser desenvolvidas de forma progressiva até que resultem na aquisição de 10 competências gerais elencadas no documento, as quais se referem a diferentes aspectos da vida humana. Segundo o Documento,

[a]o adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habi-

lidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho) (BRASIL, 2018, p. 15).

As BNCC e as 10 competências gerais estão postas com o objetivo de garantir uma educação integral a todos os educandos, contemplando cognição, emoções, autoconhecimento, tecnologias, entre outros aspectos. A proposta de uma educação integral prevista na LDB (Brasil, 1996) vai de encontro da educação tradicional que desconsidera a interferência de aspectos subjetivos no processo escolar. Behrens (2013, p. 18) descreve a base na qual se alicerça a educação do século XX como uma epistemologia reducionista, que “orienta o saber e a ação propriamente pela razão e pela experimentação, revelando o culto ao intelecto e o exílio do coração”.

Nesse sentido, a neurociência vem contribuindo com novas concepções, trazendo à tona a necessidade de rever conceitos e discutir novas práticas que incluam e valorizem os aspectos subjetivos, inerentes ao ser humano, no processo educativo, garantindo ênfase às emoções. Na perspectiva das neurociências a aprendizagem é entendida como a capacidade de um ser humano desempenhar de forma competente determinada tarefa, mobilizando habilidades e conhecimentos anteriores, ou seja, capacidade de alterar seu comportamento (Cosenza e Guerra, 2011).

No contexto escolar, durante séculos, as emoções foram desconsideradas e até desvalorizadas na realização das tarefas postas aos alunos (Behrens, 2013). Em contrapartida, as relações estabelecidas na escola são permeadas constantemente por diferentes emoções e comportamentos relativos a elas. Segundo Cosenza e Guerra (2011, p. 32), o meio em que o sujeito está inserido é muito importante, pois é através da interação deste com aquele que novas sinapses são estabelecidas, garantindo o aprimoramento da aprendizagem. Transpondo esta afirmação para a escola, a sala de aula e o professor assumem papel central na aquisição de novas aprendizagens. A sala de aula por se apresentar como ambiente referência para a criança, o qual é planejado para acolhê-la e o professor por ser o gestor desse ambiente, que deve refletir e ter claro sua intencionalidade a cada atividade proposta.

Pensando especificamente nas emoções como indicadores de algo importante e como determinantes de escolhas, a sala de aula é, possivelmente, um constante desencadeador de emoções. Nas palavras de Cosenza e Guerra, “as informações sensoriais que nos chegam podem ser neutras ou vir acompanhadas

das de uma valência emocional, negativa ou positiva. [...] Isso significa que um pequeno detalhe do ambiente é capaz de ser identificado como mobilizador” (2011, p. 78).

Vale destacar que os autores referidos apontam que mesmo aprendizagens que dependem da interação do sujeito com o meio podem acontecer de forma inconsciente, tornando o papel do professor ainda mais relevante, especialmente na educação infantil. Nesta etapa de ensino, as crianças possuem grande plasticidade cerebral, garantindo assim a possibilidade de aquisição de inúmeras habilidades, conforme é possível observar no desenvolvimento natural das crianças. Na mesma perspectiva, corroboram com esta ideia de importância do ambiente Batista, Pasqualine e Magalhães que afirmam que a ação é “tomada como categoria central para a explicação do processo de desenvolvimento humano, pois é na atividade e por meio dela que a criança se relaciona com a realidade, sendo seus processos psíquicos desenvolvidos” (Batista, Pasqualine e Magalhães, 2022, p. 7).

A partir de tudo o que foi mencionado até o momento, é necessário destacar que as emoções têm grande importância na aquisição de uma aprendizagem, pois são elas que irão influenciar e determinar na tomada de decisão. O cérebro capta determinado estímulo que julgue importante em dado momento e atribui a ele um valor emocional, tomando a decisão de mobilizar a atenção do indivíduo, garantindo a retenção da informação e, portanto, a aprendizagem. Fonseca (2016, p.11) aponta que “A aprendizagem, a atenção, a percepção, o processamento de informação, a memória, a planificação, a tomada de decisão e a própria criatividade decorrem da sinergia entre o pensamento emocional e o racional.” Fonseca afirma ainda que as emoções estão intrinsecamente envolvidas nas funções de atenção, de significação e de relevância e valor social, relacional e motivacional que atravessam as várias fases do processo de aprendizagem (Fonseca, 2016, p. 5).

Pensando no ambiente escolar, quando o valor emocional atribuído ao estímulo é negativo, essa emoção poderá interferir na aquisição do conhecimento pretendido, pois a atenção da criança se voltará à referida emoção, o que poderá influenciar no comportamento apresentado pela criança como resposta a situação em que se encontra. Segundo Fonseca (2016, p. 4) o funcionamento cerebral ideal só acontece em um clima de segurança afetiva, para então abrir-se aos processos cognitivos. O espaço da educação infantil apresenta-se como um local de possibilidades e o ideal é que o professor torne a sala de aula um

ambiente pleno de estímulos positivos, valorizando todos os aspectos do desenvolvimento humano.

Assim, a educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional. Durante esses anos, as crianças começam a compreender e expressar suas emoções, desenvolvendo habilidades de empatia e autocontrole. Um ambiente educacional positivo e encorajador contribui para a construção de uma base emocional saudável, promovendo a autoestima e a confiança necessárias para enfrentar os desafios futuros. Para Batista, Pasqualine e Magalhães destacam a relevância dessa etapa de ensino para a “(trans)formação da esfera afetivoemocional do psiquismo e, ao mesmo tempo, a importância dos processos afetivo-emocionais para a compreensão da especificidade das neoformações que se produzem nesse período do desenvolvimento” (Batista, Pasqualine e Magalhães, 2022, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a institucionalização da educação infantil teve suas origens ligadas a fatores socioeconômicos, como a revolução industrial e a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Essas questões históricas são relevantes pois caracterizam a identidade e concepção de infância adotada durante muito tempo, o que influencia ainda hoje a educação. Somente a partir da Constituição de 1988 e da LDB de 1996, a educação infantil passou a ser regulamentada como parte do sistema educacional brasileiro, reconhecendo a criança como sujeito de direitos. Os resultados encontrados reforçam a necessidade de uma prática pedagógica que valorize a criança como protagonista em seu processo de aprendizagem, promovendo experiências significativas, conforme preconizado pelas diretrizes educacionais.

O desenvolvimento infantil, com base em estudos neurocientíficos, é um processo contínuo e dinâmico, sendo essencial garantir estímulos adequados durante a primeira infância, período marcado por alta plasticidade cerebral. Pesquisas indicam que experiências precoces influenciam diretamente a formação de circuitos neurais, impactando positivamente o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança. Neste contexto as emoções aparecem como mecanismos mentais relevantes para a aprendizagem, uma vez que estão relacionadas a diversas habilidades intrínsecas e fundamentais à aprendizagem.

As emoções têm papel fundamental no desenvolvimento humano e a infância se apresenta como um momento importante na aquisição dessas habilidades. A escola de educação infantil pode contribuir para o desenvolvimento emocional na infância ao apropriar-se dos conhecimentos das neurociências e ofertar estímulos variados para o desenvolvimento emocional das crianças. Ao fornecer segurança emocional, promover interações sociais saudáveis e incentivar a expressão emocional, a educação infantil desempenha um papel fundamental na formação de indivíduos emocionalmente inteligentes e resilientes.

REFERÊNCIAS

BARDIN. Laurence, **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: 6 ed. Vozes, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, 2006.

BATISTA, Jéssica B.; PASQUALIN, Juliana C.; MAGALHÃES, Giselle Modé. **Estudo sobre Emoções e Sentimentos na Educação Infantil** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 47, e116927, 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236116927vs0>

Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. Estudo no 1: **O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem**. 2014

COSENZA, Ramon. M.; GUERRA, Leonor. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOCHI, Paulo Sergio. **Criança, currículo e campos de experiência: notas reflexivas**. Conjectura: filos. e Educ., Caxias do Sul, v. 25, e020042, 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-46122020000100403&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2024. <https://doi.org/10.18226/21784612.v25.e020042>.

FONSECA, Vitor da. Revista psicopedagogia **Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. Vol.33 No.102 São Paulo, 2016.

GOLDSCHIMIED, Elinor.; JACKSON, Sônia; tradução Marlon Xavier. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2 ed.- Porto Alegre: Artmed, 2006.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN JR., Moysés. **Histórias da educação infantil brasileira** Revista Brasileira de Educação, núm. 14, mai-ago, 2000, pp. 5-18 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Rio de Janeiro

LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociências** São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

LENT, Roberto. **Neurociência da Mente e do Comportamento** (coord.) - [Reimpr.] - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia.KISHIMOTO, Tizuko M.; PINAZZA, Mônica A., org. **Pedagogia(s) da infância: Dialogando com o passado: Construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007 [Reimpr. 2008]

SANTOS, Sheila Carine Souza; SALES, May Valda Souza. **Infâncias e a educação infantil: compreendendo os contextos de aprendizagem na contemporaneidade**. Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 11, n. 1, p. 1-14, e31876,

jan./jun. 2021. ISSN 2237- 9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2021.v11.31876>.

SILVA, Gabriela G. da.; PONTAROLO, Andreia Cristina. Id On Line Revista de Psicologia. **Neurodesenvolvimento Infantil: Os limites e as Contribuições no Uso de Dispositivos Tecnológicos**. V.17, N.66, p.273-286, Maio/2023.